

A formação ética e cidadã: imperativo contemporâneo e campo fecundo da educação

Beatriz Jansen Ferreira

Resumo Problematiza-se a necessidade do ensino da ética analisando-se a relação do pensar e do fazer na perspectiva da formação de excelência de recursos humanos. Chama-se a atenção para a necessidade de uma *práxis* pedagógica na qual a ideia de postura pró-ativa social seja, de fato, estimulada pelos educadores junto a seus educandos. Busca-se evidenciar as estratégias postas quanto às possibilidades do exercício cidadão e as contradições no momento de praticá-las, tanto no âmbito docente como discente. Conclui-se a necessidade premente de trabalho pedagógico coletivo, em que o pensar e o fazer ético integrem um processo de ensino e aprendizagem cidadã.

Palavras-chave: Ética. Ensino. Direitos humanos. Justiça social.



Beatriz Jansen Ferreira

Enfermeira, pós-doutoranda em Ética e doutora em Educação, docente do Grupo de Atividades Multidisciplinares da Pró-reitoria de Graduação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), docente colaboradora do Departamento de Engenharia de Alimentos da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp, consultora do Ministério da Saúde e da Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap)

A evolução da sociedade brasileira vem sendo marcada por intencional enfraquecimento dos valores éticos e de cidadania, o que faz ressurgir a necessidade do ensino da ética como aspecto de grande importância nos debates e iniciativas oficiais sobre a educação. Vive-se hoje uma falência crônica e progressiva de valores, credibilidade institucional, legitimidade ética que, em última instância, desconstroi o compromisso com a cidadania. Este conceito de destruição está presente em teóricos mais contemporâneos que apontam para a precisa ideia do protagonismo social como algo relevante na construção cidadã – certamente, um dos mais preciosos papéis para o educador comprometido com o ensino ético.

Em contrapartida, não falta ênfase nos valores éticos, perfis cidadãos e propostas de cuidado com o meio ambiente. Este foco revela-se também nos dispositivos legais, quer na forma de leis, propostas de parâmetros curriculares no âmbito da educação, concepção teórica do Sistema Único de Saúde (SUS) ou orientações no campo do trabalho. Parece claro que temos os diagnósticos e possibilidades concretas de responder aos problemas e impasses detectados. Apesar disso, as respostas não acontecem, o exercício ético e cidadão não é tão frequente como desejaríamos. Defendo que existe

neste cenário uma situação maniqueísta, cada vez mais presente em nossa sociedade: a *dualidade entre o pensar e o fazer*.

Em nossa sociedade, hoje, pode-se observar a falta de respeito com o bem público e a barbárie da violência, que ronda a todos. Parece que caminhamos rapidamente para um cenário ambiental catastrófico, no qual a convivência humana irá requerer um convívio social pautado em valores fortemente éticos, cidadãos, enfim, geradores da equidade social, de fato, para todos. Mas apesar da urgência e importância da adoção desses parâmetros de convivência, o que se observa é uma angustiante apatia, uma inércia frente às dificuldades, que parece revelar ausência de compromisso e reflexão. Este conceito de destruição está presente em teóricos mais contemporâneos, que apontam para a precisa ideia do protagonismo social como algo relevante na construção cidadã – certamente, um dos aspectos significativos no exercício do educador comprometido com uma formação ética.

No mundo atual, o pensar, a reflexão crítica é dolorosa e muitas vezes paralisante: *pensar é algo que certamente não se aprende; é a coisa mais compartilhada do mundo, a mais espontânea, a mais orgânica; mas aquela também da qual se é mais afastado. Pode-se desaprender a pensar. Tudo concorre para isso. Entregar-se ao pensamento demanda, até mesmo, audácia quando tudo se opõe em primeiro lugar, com muita frequência, à própria pessoa! Engajar-se no pensamento reclama algum exercício, como esquecer os adjetivos que o apresentam como austero, árduo, repugnante, inerte, elitista,*

*paralisante e de um tédio sem limites. Frustrar as artimanhas que fazem crer na separação entre o intelectual e o visceral, entre o pensamento e a emoção, é fascinante. Quando se consegue isso, é como se fosse a eterna salvação! E isso pode permitir a cada um tornar-se, para o bem ou para o mal, um habitante de pleno direito, autônomo, seja qual for seu estatuto*¹.

Com a sistematização de uma epistemologia, vista como saída à crise vigente de legitimação, estudiosos contemporâneos das questões da prática e dos conhecimentos profissionais, como Donald Schön², têm como pressuposto básico a crença de que a geração de recursos humanos propiciaria conduzir melhor essa situação. Afirmam ser nos momentos mais imprevisíveis e problemáticos que se faz presente uma riqueza de experiências dinâmicas e conhecimentos, que devem ser mantidos na *prática*, ou seja, *no fazer*. Nessas situações residem, segundo o autor, os conhecimentos tácitos e deve-se procurar manter, antes, durante e após a atuação prática, atenta reflexão em relação aos mesmos.

É preciso entender que o ato de pensar reflexivamente fomenta o *fazer crítico*. Ante a ausência de tal reflexão sistemática estamos nos constituindo numa sociedade que teoriza de forma cada vez mais superficial, sem comprometimento prático com o que teoricamente defende. É possível observar que existe percepção sobre os problemas, mas cada vez mais banalizada, porosa. A discussão sobre o *fazer ético* de maneira cotidiana objetiva o que se poderia chamar de postura pró-ativa social (ou protagonismo social), que tem como foco o estímulo e a

ampliação do momento reflexivo, visando à contribuição efetiva de cada um na sustentabilidade do planeta, em todos os aspectos.

O recrudescimento dessa circunstância adversa permite considerar que na condição de educadores não estamos exercendo *nossa intencionalidade como um direito e um dever de nossa práxis pedagógica*. Penso que o agir construído sobre a reflexão crítica constitui possibilidade *única* de sair desse impasse. Ao deslocarmos essa questão para a formação em saúde é importante atentar à questão da formação ética que, nos termos atuais, se apresenta como verdadeiro mosaico. Com isso quero dizer que o sentido de uma *formação ética* passa pelo conhecimento de vários aspectos do conhecimento, como a compreensão social, política, ambiental de uma convivência social que efetivamente possa ser sustentável e, fundamentalmente, *para todos*. É essencial perceber que a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer ³.

Considero fundamental observarmos, na qualidade de educadores comprometidos com a excelência humana, que o exercício pedagógico é dialético, contraditório e não poderia ser só uma ou outra dessas coisas. A neutralidade, essa sim, nunca foi e nem poderia ser marca da educação. Assim, podemos considerar como boas as razões que nos levam a provocar a questão em terreno bem mais anterior, o da tradição da reflexão filosófica sobre a educação, nos apropriando da radicalidade com que Platão a colocava, questionando a possibilidade de ensino da ética.

O longo debate sobre os fins e os procedimentos da educação atravessou a história das sociedades, tecendo sentidos para a produção da atividade pedagógica. Nesse processo construtivo revelaram-se essenciais as interrogações, especialmente quando ética e política apresentavam-se fortemente entrelaçadas. Tornada atividade social explícita e refletida, a educação passou a ser, cada vez mais, instrumento de construção de uma nova *pólis* – de realização da obra política, pela formação ética dos futuros cidadãos.

Defendo ainda, e mais precisamente associo, essa tarefa de formação ética para a cidadania e a construção do mundo voltado ao bem comum à própria invenção da noção de escola. Podemos entendê-la numa perspectiva mais ampla, como instituição consagrada a um tipo de educação que transcende o âmbito da família e foi destinada a *especialistas*. Contudo, também podemos analisá-la por uma visão atual, que atribuí à escola a responsabilidade quase que integral pela formação antes confiada à família e à própria sociedade. Porém, se a transposição de quase todos os processos educativos para o âmbito da escola inaugurou processos de ensino/aprendizagem especializados, também restringiu aspectos da formação que extrapolam o limite escolar, especialmente quando se considera o vertiginoso crescimento do conhecimento e o aumento no afluxo discente, que dificultam a atenção individual.

Fica claro que a atividade educacional não é, essencialmente, prática própria ao indivíduo isolado, mas sim obra coletiva. Não existe

sentido em falar de educação fora de uma comunidade explicitamente instituída; por isso, o ensino ou a construção de valores no âmbito da escola, considerando inclusive a universidade, requer um exercício pedagógico que assuma a atividade docente como aspecto central do processo de ensino-aprendizagem. Uma troca essencial que põe em relevo a reflexão e o exemplo.

Penso que ao apresentar essas ideias pleiteio a ampliação e fortalecimento de um espaço reflexivo, no qual o desejo de uma formação ética reflita a compreensão da História não como perspectiva já determinada, mas como possibilidade em aberto para a criação do futuro. A escola, principalmente a academia, devem tomar para si a responsabilidade de formar técnicos e cidadãos de excelência, cujo *saber* e *fazer* expressem coerência e compromisso com a realidade circundante. Para tal, há que se construir valores e conhecimentos que subsidiem os alunos na compreensão, mas sobretudo na intervenção crítica e comprometida no mundo.

Acredito que a formação ética e cidadã defendida por este artigo vai ao encontro do conceito de unificação da multiplicidade: *uma consciência coletiva, um organismo vivo só se forma*

depois que a multiplicidade unificou-se através do atrito dos indivíduos; não se pode dizer que o “silêncio” não é multiplicidade. Uma orquestra que ensaia, cada instrumento por sua conta, dá a impressão da mais horrível cacofonia; porém, estes ensaios são uma condição para que a orquestra viva como um “instrumento” só ⁴.

Formar pessoas é exercício ruidoso e complexo, pois o *conhecimento é uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco da ilusão e do erro. Entretanto, é nas certezas doutrinárias, dogmáticas e intolerantes que se encontram as piores ilusões; ao contrário, a consciência do caráter incerto do ato cognitivo constitui a oportunidade de chegar ao conhecimento pertinente, o que pede exames, verificações e convergências de indícios (...)* Uma vez mais repetimos: *o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas* ⁵.

Não obstante as dificuldades inerentes à tarefa de educar, compartilho o sentido da mesma com as pessoas que, persistentemente, acreditam no bem querer, na sinceridade, na vontade de saber mais e melhor, na capacidade de ser íntegro, solidário, enfim, nas características que emanam a necessária possibilidade ética de ver o mundo.

Resumen

La formación ética y ciudadana: un imperativo contemporáneo, un campo fecundo de la enseñanza

Este trabajo analiza críticamente la enseñanza de la ética resaltando la relación entre el pensamiento y la acción específicamente en la formación de recursos humanos de excelencia. Se destaca la necesidad de una *praxis* pedagógica en la cual la idea de una postura proactiva social y un protagonismo social sean de facto estimulados por los educadores en conjunto con los estudiantes. Se busca evidenciar las estrategias ya en práctica en cuanto a las formas del ejercicio de la ciudadanía y las contradicciones existentes en el momento de practicarlas, tanto en el ámbito docente como del alumno. Se concluye la necesidad urgente del trabajo pedagógico, de hecho, colectivo, donde el pensar y el hacer ético hagan parte de la esencia de un proceso de aprendizaje ciudadano.

Palabras-clave: Ética. Enseñanza. Derechos humanos. Justicia social.

Abstract

Ethical and citizenship formation: a contemporary and pressing imperative, and promising field in education

The need to teach ethics is enunciated through analysis of relations between thoughts and actions, from the perspective of formation of excellence in human resources. Attention is put on the need of a pedagogical *praxis* where the idea of social participation is effectively stimulated by teachers with their students. It intends to evidence already existent strategies with respect to possibilities of the exercise of citizenship and its contradictions when put into practice, both by teachers and students. To conclude it emphasizes the pressing need of effective pedagogical and society activities, where exercise of ethical thinking and actions are the essence of the citizenship teaching and learning process.

Key words: Ethics. Teaching. Human rights. Social justice.

Referências

1. Forrester V. O horror econômico. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; 1997.
2. Schön D. The reflective practitioner. New York: Basic Books; 1983.
3. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 1998.

4. Gramsci A. O partido comunista: teoria e política. s.l.: Editora Brasil Debates; 1987.
5. Morin E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Unesco/Cortez; 2000.

Recebido: 4.8.09 Aprovado: 24.10.09 Aprovação final: 20.11.09

Contato

Beatriz Jansen Ferreira – beatrizjansen@reitoria.unicamp.br/beatrizjansen@terra.com.br
Rua Macedo Soares, 532, Bairro Cidade Universitária CEP 13083-130. Campinas, São Paulo/SP,
Brasil.